

Discurso do corregedor nacional do Ministério Público, Oswaldo D’Albuquerque, proferido durante a Solenidade de Inauguração da Galeria dos Presidentes do CNMP e da Galeria dos Corregedores Nacionais do Ministério Público.

Saudações de estilo,

Há momentos que nos marcam porque, a um só tempo, delimitam nossa carreira, nossa jornada profissional, e também são históricos para a Instituição que nos abraçou, este Ministério Público que sempre nos dá motivos para contentamento e júbilo!

Hoje, senhor Presidente, ou melhor, Senhora e Senhores Presidentes, Senhora e Senhores Corregedores Nacionais de ontem, de hoje e de sempre, na data de hoje podemos conjuntamente celebrar os passos que temos dado ao engrandecimento do Conselho Nacional do Ministério Público!

18 anos após a sua instalação, no sempre lembrado 21 de junho de 2005, o CNMP apresenta-se como Instituição imprescindível não apenas ao desenvolvimento do Ministério Público, como também para a formatação do próprio Estado brasileiro e, particularmente, do sistema de justiça, concretizada a partir da promulgação da Emenda Constitucional nº 45/2004.

Muitos foram os desafios, as lutas, os caminhos e as vicissitudes ao longo desse verdadeiro tempo de amadurecimento do Conselho. Observando todos esses momentos de maneira retrospectiva e perscrutando-os com olhar histórico, advém a certeza de que tudo valeu a pena, que imensos foram os acertos e que os tão humanos equívocos serviram para aprendizado e fortalecimento.

Sim, Senhoras e Senhores, valeu a pena, tem valido muito a pena, e que assim prossiga!

O Ministério Público precisa caminhar, cada vez mais, para a Unidade e deixar de lado o pensamento errôneo que se trata de princípio antagonista ao da Independência.

O Ministério Público do amanhã, que se deve buscar desde agora, é o Ministério Público da atuação conjunta, responsável, inserida e imaginada em contexto abrangente de que faz parte de um sistema.

O Ministério Público precisa continuar ao lado dos direitos do povo que jurou defender e proteger, com a compreensão de que não se trata de tutela, mas sim de atuação fundamental para a contínua proteção dos direitos humanos.

Sim, porque falar de direitos humanos é cuidar de cada um de nós, que estamos aqui, mas especialmente das futuras gerações em relação às quais temos imensa responsabilidade.

Responsabilidade, a propósito, deve ser palavra sempre lembrada, sobretudo quando temos em linha de conta a maioria desta Instituição que é talhada, constitucionalmente, para esquadriñar a atuação do Ministério Público.

O CNMP, nessa perspectiva, não cuida somente de fiscalizar ou controlar.

O CNMP também aponta para a necessidade de serem realizadas e replicadas práticas positivas e ações sobranceiras.

O Conselho amadurecido, em síntese, encontrou seu melhor lugar e modo de agir quando, de um lado, consolidou sua tarefa fiscalizatória e, de outro, passou a indicar vetores virtuosos de atuação em todos os Ministérios Públicos.

Dispus-me, norteado por este pensamento, a apresentar aos Ministérios Públicos a resolutividade como eixo primordial ao seu modo de ser e de fazer.

Ser resolutivo, creio, é buscar o reencontro do Ministério Público ao seu papel fundamental de ir ao encontro do problema e o resolver, deixando para trás pensamento burocratizante, reativo e, permitam-me a força da expressão, indolente, custoso e vagaroso.

No ano da maturidade do CNMP, é preciso que tenhamos em mente que a sobrevivência institucional depende, diretamente, das ações diárias que realizamos no sentido de cumprir o *ethos* normativo que se nos é atribuído.

É preciso que todos assintamos, portanto, que a permanência do nosso status institucional percorre a mesma estrada do nosso imperioso compromisso de nos mantermos importantes àqueles e àquelas que nos tem como a última linha de proteção e, mais do que isso, o derradeiro limiar que separa a esperança do desalento.

Lanço-me a essas considerações porque tenho a mais absoluta certeza de que todas e todos, neste recinto que hoje irradia-se para todo o Ministério Público, agiram e continuam a agir para que a Instituição mantenha-se sobranceira.

É que a gente não passa pelo Ministério Público. É o Ministério Público que ingressa em nosso coração para se fazer morada perene e indelével e isso pouco depende de continuarmos na ativa ou de abraçarmos outras funções.

Quando se percebe e entende que fazer o bem por meio do nosso agir não é, apenas, trabalho ou obrigação profissional, mas a maior representação que se pode dar a respeito da nossa dimensão humana, aí encontramos os exatos sentido e significado de ser, viver e experimentar o Ministério Público!

É neste exato momento que adensamos o próprio nome que empunhamos: Ministério Público, o serviço ao povo!

A propósito, Senhor Presidente Augusto Aras, é mais do que necessário parabenizar-lhe por nos reunir a todos e todas em momento tão especial!

Muito, muitíssimo obrigado por esta manhã histórica ao CNMP, no curso da qual podemos nos entreolhar de forma tão terna para celebrar o Conselho e as mulheres e homens que o fizeram, ao longo desses 18 anos de existência!

Sua visão inspiradora, Presidente, à qual tive a oportunidade e a alegria de me agregar desde o princípio, com o auxílio prestimoso e luminoso do Conselheiro Jaime Miranda, conduz à inauguração das galerias de Presidentes e Presidenta e dos Corregedores Nacionais e Corregedora Nacional do CNMP!

A história não é passiva: a história se faz com ações e palavras. Hoje, mais do que em qualquer outra ocasião, tal máxima é verificada.

E, nesta oportunidade, reconfirma-se o labor e o amor ao Ministério Público e ao CNMP destas mulheres e homens que aqui se encontram.

Eu peço uma salva de palmas a elas e eles...

É uma salva de palmas que nos faz recordar sua importância, seu pioneirismo, seu talento e sua dedicação incondicionais ao Ministério Público!

É um gesto que nos inspira a sermos melhores, não por nós, mas precipuamente para mantermos seu brilhante legado erigido no mais elevado altar institucional.

Foi Isaac Newton, a partir de carta dirigida em 1675 a Robert Hooke, quem cunhou a célebre frase "se pude enxergar mais longe, foi porque me apoiei em ombros de gigantes".

Aquele gênio do Humanismo e da Física, para além de suas realizações científicas, deixou-nos o pensamento mais humilde e mais humano, de que não podemos nos ver de modo solipsista, que arrogância, prepotência e pedantismo não podem ser sustentáculos de personalidade, que o

Ministério Público concretiza-se quando nos reconhecemos, todas e todos, como seres humanos plenos de potencialidades, desejos, fraquezas, predicados e idiossincrasias.

Todos, em resumo, somos passageiros deste mundo, deste pequeno planeta azul a que chamamos Terra. Reconheçamos nossa transitoriedade terrena e não permitamos que seja carecente de sentido e sinônimo de desvalor. Há, de fato, diferença incontornável entre ser fugaz e ser fútil.

Aqui temos baluartes e faróis do Ministério Público que, hoje, são justamente homenageados por este Conselho.

Seus rostos, doravante, estarão gravados em lugar sublime para que possamos deles e delas lembrar, mas as galerias prestam-se a missão maior: seu sentido é para que guardemos seus exemplos, para que nos inspiremos em suas ações para seguirmos a edificar o Ministério Público, para continuarmos a fortalecer o CNMP!

Que assim seja e que as palavras da Sagrada Escritura, de Eclesiastes 3:12, faça-se ecoar em nossos espíritos neste momento tão magnífico: "Descobri que não há nada melhor para o homem do que ser feliz e praticar o bem enquanto vive".

Fiquem todas e todos com Deus! Viva o Ministério Público! Viva o Conselho Nacional do Ministério Público! Vivas e parabéns aos Presidentes, à Presidenta, aos Corregedores Nacionais, à Corregedora Nacional que, para sempre, estarão conosco!

Muito obrigado!